



# INSTALAÇÃO CIENTÍFICO-ARTESANAL (ICA): A PUBLICIZAÇÃO DA PESQUISA NO ÂMBITO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Edla Eggert\*

Marcia Regina Becker\*\*

**Resumo** – O artigo apresenta e discute o conceito de instalação científico-artesanal, que surge a partir do trabalho de um grupo de pesquisa envolvido com o tema da produção de artesanato e do processo educativo envolvido nesse contexto. Ou seja, o trabalho e a formação não escolar e também escolar de quem produz artesanato. O artigo tem por base pesquisas produzidas com mulheres artesãs. Há desafios para a comunidade acadêmica na atualidade e a necessidade de se debruçar sobre um trabalho científico mais inclusivo e participativo, que rompa com os modos tradicionais do saber fazer ciência. Por meio dos estudos feministas, da educação popular e da pesquisa (auto)biográfica, dá-se suporte para a construção do conceito em questão. A experiência da instalação nas artes dialoga com a instalação artístico-artesanal numa compreensão das experiências realizadas pelas pesquisadoras e artesãs que integram os projetos de pesquisa. À luz de experiências concretas foi possível compreender as possibilidades de uma outra esfera de publicização em que o conhecimento e os saberes ditos acadêmicos e não acadêmicos podem ser debatidos coletivamente. Observa-se uma rica possibilidade de interface entre artefices da academia e artefices do artesanato, ou seja, uma grande parcela de estudantes da educação de jovens e adultos (EJA).

**Palavras-chave:** Artesanato. Instalação científico-artesanal. Feminismo. Educação popular. Pesquisa (auto)biográfica.

## INTRODUÇÃO

Pensar as ações que implicam mostrar o que temos estudado e pesquisado, tanto em eventos científicos como também, de modo geral, nos encontros de uma "simples" aula é um dos motivos para que este artigo científico seja escrito. E quando referimos a busca por *pensar sobre o que fazemos*, estamos provocando um elemento de análise que tem, na

---

\* Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Professora adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). *E-mail:*

\*\* Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). *E-mail:* marciareginabecker@gmail.com

pesquisa (auto)biográfica (JOSSO, 2004, 2007; SOUZA, 2008; EGGERT, 2015), um desencadeador na produção de rastros para que possamos observar projetos de conhecimento (JOSSO, 2004). Todo esse "pensar" mistura ainda outros dois elementos que constituem nossas reflexões teórico-metodológicas que adensam ainda mais o compromisso de querermos trazer a público os modos como fazemos o que pensamos: as leituras feministas e a educação popular. Essas duas perspectivas se produziram no contexto de lutas em busca por mais dignidade. Produziram e seguem mantendo movimentos inconformados com a desigualdade, a relação de exploração e a dominação sob todos os aspectos de classe, raça, gênero e geração. Esses três fios tramam um modo de entender "o fazer pesquisa" a partir de um lugar que não é neutro, e que ao ser posicionado politicamente num contexto de diferentes desigualdades e injustiças nos faz tomar consciência da responsabilidade desse investimento.

Aparentemente, uma coisa tão simples como apresentar um trabalho científico em um evento, ou ensinar no contexto da sala de aula, pode parecer absolutamente inocente. Apenas devemos apresentar o que sabemos. Ledo engano, pois essa ação implica o conhecimento do entorno, da consideração sobre a vida das pessoas e a consciência de que todas aprendem de modos singulares, possui sua história e seu modo de ler essa história.

E, nesse contexto, desenvolvemos pesquisa científica tendo o artesanato como temática e isso tem representado um grande desafio, pois estamos nos referindo à produção artesanal no Brasil<sup>1</sup>. Significa pesquisar um tema marginalizado social, política, econômica e culturalmente. Até no campo da Educação, em que o tema é tratado na área da educação de jovens e adultos (EJA) e educação e trabalho, temos encontrado poucas interlocuções. O debate sobre a formação da mão de obra não tem conseguido adequar situações de ensino e aprendizagem para uma população que busca retomar a escola com a carga das experiências do mundo do trabalho. Observamos que artesãs, artesãos e artistas populares não encontram na escola nem na universidade um projeto de formação educacional voltado para os seus saberes, necessidades e interesses de profissionalização. E nesse hiato, desenvolvemos pesquisa (EGGERT, 2011) e realizamos orientações de trabalhos de conclusão na graduação, no mestrado e no doutorado, numa perspectiva da busca por compreender os processos (auto) formadores de artesãs<sup>2</sup>. Ao grupo de orientação se somam outros dois grupos de pesquisa,

---

1 - Constatamos que essa realidade é semelhante em toda a América Latina. Os intercâmbios com o México, por exemplo, nos mostram que as políticas públicas para esse setor vêm sendo discutidas há aproximadamente mais de três décadas. No Brasil, após quase uma década de debates na Câmara de Deputados Federal, foi aprovada a regulamentação da profissão de artesão (Lei n. 13.180, de 22 de outubro de 2015). A produção do artesanato é realizada majoritariamente pelas mulheres no mundo todo e a relação com a pobreza não é mera coincidência.

2 - Quatro dos projetos desenvolvidos nessa perspectiva já se encontram concluídos. São eles: "Tramas do ensinar e do aprender em um atelier de tecelagem na interface com a pedagogia escolar" (2007- 2010); "O processo (auto)formador de trabalhadoras no artesanato gaúcho" (2008-2011); "A narrativa de processos (auto)formadores de tecelãs - construindo novos debates

com os quais temos buscado compreender os tensionamentos entre os saberes produzidos nos ateliês e os produzidos na escola, em especial nos cursos de EJA.

A trama que buscamos apresentar neste artigo é justamente uma das facetas dessa tensão, que são os modos como temos conseguido relacionar o que experimentamos nos ateliês como processos educativos e que buscamos, de diversos modos, trazer para os espaços escolares e acadêmicos.

Enquanto profissionais da academia, cientistas e produtoras de ciência e tecnologia (C&T), temos experimentando vários desafios. Dentre eles, os caminhos metodológicos a escolher, inventar e construir em todas as etapas que envolvem uma investigação científica. Cientes de que é preciso construir alternativas à neutralidade e ao determinismo da C&T, assim como à concepção linear do tempo, ao dualismo, ao universalismo, à racionalização, ao objetivismo e ao reducionismo, temos o desafio de constituir uma esfera pública<sup>3</sup> para a C&T, o que passa outras formas de conceber não só a própria C&T, mas também os sistemas econômicos e políticos que regem as instituições de C&T.

Como profissionais da C&T, pesquisadoras de um tema pouco visibilizado sob seus diversos aspectos como é o artesanato, nosso maior desafio é criar situações e espaços para a partilha do conhecimento (teorizado ou não) para gerar novos conhecimentos e novos saberes em todas as etapas que integram nossas pesquisas. Como imaginar e concretizar isso dentro da rígida estrutura androcêntrica e patriarcal que encontramos em nossas instituições de C&T? Como formar uma esfera pública com a participação daqueles que compõem nossas pesquisas acadêmicas e que se encontram, em sua grande maioria, distantes dos espaços acadêmicos?

A partir dessas e outras tantas questões buscamos no campo da Arte a inspiração no conceito de *instalação* para criação de um espaço coletivo de partilha de saberes e conhecimentos, e que imaginamos ser uma experiência colaboradora para a construção de uma (nova) esfera pública em nosso meio de atuação, o espaço da academia. Nomeamos esses experimentos de instalações científico-artesanais (ICA).

---

para a EJA" (2009-2012); "Estudo de autores contemporâneos sobre o conceito de técnica e tecnologia para a área da educação de mulheres" (2011-2015). E dois projetos que estão em fase de execução: "Gerenciar, criar e produzir: o educativo de um ateliê de tecelagem" (2013-Atual) e o outro denominado "Saberes de ofícios? diálogos possíveis entre atividades artesanais e saberes instituídos nos institutos federais brasileiros do século XXI" (2015- atual).

3 - Utilizamos a expressão "esfera pública" no sentido referido por Hannah Arendt (2003), que pensou essa questão de um modo bem político. O uso da atividade científica e dos produtos dela resultantes não pode ser decidido apenas entre cientistas e políticos profissionais, deve ser decidido no diálogo com os membros da comunidade não científica. Desse modo, temos a responsabilidade de pensar alternativas às rígidas estruturas nas quais ainda nos encontramos e o compromisso de tornar possível alguns espaços para a "esfera pública" acontecer. As teorias feministas levantaram a suspeita de que o "privado é político", e abordaram a partir de então aspectos que ficavam fora da "esfera pública" como a violência doméstica e a invisibilidade do trabalho doméstico que tem para nós, importância no contexto estudado, porque o artesanato muitas vezes é realizado na casa, misturando outras atividades que, na maior parte das vezes, ainda são realizadas por elas.

## A INSTALAÇÃO ARTÍSTICA COMO PONTO DE PARTIDA PARA PENSAR O "CIENTÍFICO-ARTESANAL"

As instalações artísticas, assim como as conhecemos, requerem a interação do público. Buscam desenvolver-se mediante diversas linguagens, podendo uma única instalação fazer o uso de mais de uma linguagem ao mesmo tempo. Instalação é "obra de arte que consiste na disposição de certos objetos ou materiais num espaço tridimensional, formando uma unidade com a qual o espectador interage" (CALDAS AULETE, 2012, p. 501).

A obra pode não existir completamente antes da interação do público que decide ou não participar do espaço imaginado por quem a produz e que por sua vez deseja, certamente, alcançar alguma ideia ou conceito relacionados com a vida contemporânea. Para Luciana B. Silva e Daisy Peccinini (2015), as instalações artísticas funcionam como um espelho do próprio tempo no qual nos situamos. Para as autoras "a desconstrução de espaços, de conceitos e ideias está dentro da práxis artística da qual a Instalação se apropria para se afirmar enquanto obra" (SILVA; PECINNI; 2015, p. 1). Quer dizer que a obra em si pode não existir antes, mas vir a ser apenas durante e deixar de ser depois da interação do público. A instalação artística, para essas autoras, "conta ainda com frágil definição e com muitos pontos a serem pesquisados de forma incisiva" (SILVA; PECINNI; 2015, p. 1). Conforme Fernanda Junqueira (1996, p. 552), ainda há poucas referências teóricas que podem auxiliar na compreensão das instalações artísticas a partir do ponto de vista prático e teórico por se tratar de uma linha de trabalho muito recente da Arte Contemporânea. Para a autora, a instalação "tanto poderia se referir à exposições de grandes painéis de pintura como de escultura ou mesmo de novos experimentos surgidos nos anos 1960" (JUNQUEIRA, 1996, p. 553). A autora lembra a importância do Movimento Minimalista, da década de 1960, quando outras formas não racionalistas compuseram o espaço artístico. O minimalismo instalou "[...] um novo sentido nas experiências espaciais da Escultura. A partir dali, podemos especular em que medida tais procedimentos seriam significativos para os movimentos geradores do que posteriormente passou-se a chamar 'Instalação'" (JUNQUEIRA, 1996, p. 559). Para o minimalismo a questão espacial assume grande importância e esse espaço não é o virtual ou o transcendental, é o espaço real do mundo. Quer dizer, a escultura ou a obra criada necessita do espaço real para sobreviver ao seu propósito, surgindo dali uma interdependência entre o objeto e o espaço. Quem admira a obra é provocado a interagir, habita aquele instante na provocação tridimensional. Ainda no rastro do que hoje podemos entender conceitualmente por instalação, a referida autora aborda o Movimento Neoconcreto do final dos anos da década de 1950<sup>4</sup>, que tinha na experiência a sua característica mais forte: "Frente ao 'espaço', a experiência

---

4 - Artistas brasileiros como Hélio Oiticica, Lygia Clark e a também Lygia Pape são os nomes mais comumente lembrados.

Neoconcreta baseava-se principalmente numa orientação fenomenológica. O espaço Neoconcreto não é um dado instrumental, mas um conjunto de vivências intensamente experimentado" (JUNQUEIRA, 1996, p. 564). Esse movimento que se caracterizou pelo seu caráter experimental e também pela transformação social por meio da arte buscou transgredir as normas da Arte da época e tinha por objetivo fazer a arte chegar a todos e não apenas a uma minoria.

Não é por acaso que esse movimento se fortaleceu na década de 1960 quando os movimentos sociais e, entre eles, o movimento feminista, desconstruíram uma série de verdades tidas como seguras e inabaláveis. A participação intensa de segmentos até então desprezados repercutiu também nas artes e, conseqüentemente, na cultura em geral. Contemplar a arte passa a ter uma compreensão participativa e dinâmica superando a ideia do objeto como fim da expressão estética. De modo semelhante, nas pesquisas das Ciências Humanas, teremos a desconstrução da postura das pessoas que pesquisam como neutras e donas do saber em direção aos seus "objetos" de pesquisa numa relação de expropriação das informações. Uma outra relação foi proposta por meio da compreensão da pesquisa qualitativa em movimento nos grandes centros, compreensão que demanda humildade na relação com o campo pesquisado [empíria] de sujeito[pesquisadora]-sujeito[pesquisado], desfazendo-se a relação sujeito[pesquisadora]-objeto[pesquisado]. Orlando Fals Borda (1981), Paulo Freire (1981), Marcela Gajardo (1987) e Carlos Rodrigues Brandão (1981, 1987) foram autores que se destacaram na produção conceitual de pesquisas que indicaram a perspectiva latino-americana do que também estava sendo debatido no norte com Goffman (2011) e Howard Becker (1996), por exemplo, o que temos chamado de misturas paradoxais entre o norte e o sul no caminho metodológico (EGGERT, 2016).

As propostas da década de 1960 lançaram modalidades vivenciais que provocaram diversos modos de se lidar com os objetos ou de as pessoas se apropriarem deles. O mundo real desencadeava a regência das manifestações de vanguarda dessa década para mudar definitivamente o modo de produção de arte, bem como da produção do conhecimento, se pensarmos em outras áreas de conhecimento.

Se hoje as instalações artísticas são "um fazer artístico dos mais relevantes no panorama das artes no século XX e início do XXI" (SILVA; PECINNI, 2015, p. 1), elas podem servir de inspiração para a atividade científica tornando-se importante meio para a construção do diálogo da comunidade científica com a sociedade. Porque, se conforme Silva e Pecinni (2015, p. 1), elas provocam a desconstrução de espaços, de conceitos e ideias, elas podem vir a ser uma importante ferramenta para a validação ou não do conhecimento construído na academia. E mais do que a validação ou não, está a [re]criação de maneira colaborativa do conhecimento entre quem pesquisa e quem vivencia o processo investigativo, ou seja, a empíria. E isso, para nós que pesquisamos com mulheres artesãs e sobre os ofícios no artesanato, vem a ser muito importante. Afinal de contas, qual o conhecimento que vale? O produzido na academia ou o produzido pelas artesãs? A questão certamente não reside se

isso ou aquilo vale mais ou menos do que isto ou aquilo, e sim como as ideias são concebidas, por quem e para quem retornam com a carga de produção autoral.

Afinal de contas, como nos apropriamos do espaço das nossas instituições e das nossas instituições-espaço? O que as instituições de C&T nos permitem em termos de uso da sua espacialidade (quer seja ela física ou não)? Dos espaços proporcionados para a apresentação e estudo dos resultados quer seja de uma pesquisa em fase conclusiva ou ainda em andamento, esses são extremamente tradicionais e convencionais. As memórias dos inúmeros eventos científicos dos quais participamos – seminários, congressos, colóquios e mostras de iniciação científica – remetem-nos aos formatos mais homogêneos: a comunidade científica reunida apresentando e discutindo suas pesquisas num formato rígido, estrutura que ainda carrega e dificulta o diálogo e a participação de quem fornece a informação para que a pesquisa científica aconteça. Qual é o sentido disso?

A instalação científico-artesanal tem inspiração nas instalações artísticas e assume, a partir das experiências que serão narradas a seguir, a seguinte unidade tripartida: pesquisadoras/pesquisadas//docentes/discentes – conhecimentos/saberes acadêmicos/não acadêmicos – espaço acadêmico. Nesse caso a obra a ser constituída é o diálogo em torno dos conhecimentos e saberes já produzidos com o propósito de criar e recriar novos saberes e conhecimentos. Entendemos que esses "experimentos" são ensaios que podem ser também produzidos num âmbito ainda mais amplo como o da Educação, em que instalações científico-artesanais experimentadas em diversos eventos acadêmicos misturam-se à tridimensionalidade artesãs e acadêmicas e seus modos de produzir conhecimento.

## **INSTALAÇÕES CIENTÍFICO-ARTESANAIS, INFLUÊNCIAS DO FEMINISMO E DA EDUCAÇÃO POPULAR**

As primeiras instalações foram planejadas e experimentadas por nós em 2009, e depois em 2010, e algumas dessas experiências estão descritas em artigo publicado por Becker, Castro e Eggert (2012). Nesse período, Eggert (2009) havia finalizado projetos de pesquisa com mulheres em situação de violência, com as quais construíra uma metodologia de pesquisa utilizando técnicas artesanais aliadas ao método da narrativa de histórias de vida.

Um ateliê de tecelagem passou a ser referência para o desenvolvimento de outras pesquisas com a temática voltada para o trabalho artesanal de mulheres e as interfaces dessa realidade com a escola. Durante as primeiras socializações dessas pesquisas surgiram questões que desencadearam as primeiras aproximações do que hoje estamos chamando de instalações científico-artesanais.

O desafio sempre foi criar espaços para a participação das artesãs em eventos científicos, espaços nos quais elas pudessem contar como estavam vivenciando a experiência de fazer parte de uma pesquisa e, também, pudessem mostrar e demonstrar a sua produção. Tínhamos

que planejar espaços para essa interlocução, de tal modo que conseguíssemos misturar linguagens do mundo do trabalho delas e do nosso mundo do trabalho, a academia.

Assim, as primeiras instalações foram concebidas durante congressos e jornadas e ficavam expostas em lugares onde havia mais circulação de pessoas. Um tear foi instalado com a intenção de proporcionar a experiência concreta a quem se interessasse, de tecer no tear de pente liço<sup>5</sup>. Desse modo, os participantes conheceriam melhor o lugar que tentávamos dimensionar: o ateliê como local de aprendizagem do mundo de pessoas adultas por meio do seu trabalho artesanal, seus processos e suas complexidades. A primeira experiência foi realizada em 2010, no VII Congresso Internacional de Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).



**Figura 1** VII Congresso Internacional de Educação da Unisinos (2010)

**Crédito:** Edla Eggert.

A partir dessa primeira experiência, outras tomaram forma com distintas propostas e lugares, mas todas possuíam a intenção de misturar o acadêmico com o artesanal. E aos poucos fomos percebendo as semelhanças vividas em lugares aparentemente tão distintos.

---

5 - John Dewey e Richard Sennett dão embasamento ao que chamamos de *experiência concreta*. Para Dewey (2010, p. 167) "pensar diretamente em termos de cores, tons, ou imagens é uma operação tecnicamente diferente de pensar em palavras. [...] Se todos os significados pudessem expressar-se adequadamente em palavras, as artes da pintura e da música não existiriam. Há valores e sentidos que só podem ser expressos por qualidades imediatamente visíveis e audíveis, e perguntar o que eles significam em termos de algo que possa ser posto em palavras é negar sua existência distinta". Por isso imaginamos que no processo de ensinar e aprender não podemos monopolizar nosso trabalho com uma ou duas linguagens apenas. O que Dewey (2010, p. 109-141) chama de *experiência singular* é o que necessitamos compreender melhor nessa empreitada. Sennett (2009) também nos fornece algumas bases para compreender o que aqui denominamos *experiência concreta*. Aprender com a repetição, com o erro, mourejar em torno do que se faz são pistas para pensarmos outras relações na pesquisa e no ensino.

No VIII Fórum Paulo Freire, realizado em Pelotas, em 2011, a proposta foi apresentar resultados da pesquisa no momento da apresentação junto ao grupo de trabalho (GT) de educação popular. A proposta é trocar de lugar. Enquanto ouvimos e anotamos também é possível tecer. Outros textos se fazem. Outros sentidos são aguçados nessa escuta. As questões levantadas sobre essas experiências remetem a vários caminhos. Um deles é o da simultaneidade dos processos técnicos que as pessoas têm desenvolvido ao longo da vida.



**Figura 2** XVIII Fórum de Estudos e Leituras de Paulo Freire (2011)

**Crédito:** Márcia Becker.

No caso das mulheres, essa é uma aprendizagem que é processada desde muito cedo por imitação, inclusive, junto com os afazeres domésticos. É possível observar o que uma pessoa pode fazer ao mesmo tempo dentro de uma casa. E nesse rol há uma simultaneidade de tarefas que são automatizadas para serem feitas ao mesmo tempo, e naturalizadas que sejam feitas por mulheres. E as máquinas agilizaram ainda mais essas funções. Por exemplo, enquanto a roupa é lavada pela máquina, a casa toda é limpa, e sempre que possível as crianças são observadas no seu fazer-brincar. A certa altura do dia, o almoço é acionado e outras tarefas têm seu ritmo desacelerado, para logo depois serem retomadas. Isso tudo é feito sem que a cabeça pare de funcionar pensando em tantas outras coisas para além das técnicas aplicadas nos afazeres domésticos. Portanto, falar enquanto estamos tecendo, bordando, junto aos círculos de estudo tem sido uma "pró-vocação" para refletir sobre quais as associações que podemos pensar didaticamente falando.



**Figura 3** Seminário de estudos avançados: Álvaro Vieira Pinto, 13 e 14 de abril de 2015

**Crédito:** Marcia Becker.

Na I Jornada de Estudos Álvaro Vieira Pinto, sobre o conceito de tecnologia (abril de 2015), no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos, disponibilizamos uma mesa central com inúmeras agulhas e fios, além de comidas e chimarrão<sup>6</sup>. E os estudos aconteceram aí desse modo, misturado entre múltiplas linguagens.

Foi em 2015 que retomamos a ideia de pensar mais sobre essas intervenções que vínhamos realizando. Havíamos apresentado uma primeira sistematização dessas experiências chamando-as de instalações científicas (BECKER; CASTRO; EGGERT, 2012). E com o tempo amadurecemos um pouco mais nossos argumentos na direção do científico-artesanal dessas "instalações".

Em 2015, durante a realização do II Colóquio Mulheres, Feminismo, Artesanato e Arte Popular, propusemos para grupos de pesquisadoras e artesãs a organização de instalações científico-artesanais, com o objetivo de que as experiências produzidas pelas instalações girassem em torno tanto dos conhecimentos e saberes das artesãs como dos conhecimentos produzidos pelas pesquisadoras em parceria com elas. E desse modo cada grupo de artesãs elaborou em parceria com a pesquisadora que acompanha seu grupo uma proposta de instalação científico-artesanal.

---

6 - Bebida feita de erva mate que está presente na maior parte da cultura do estado do Rio Grande do Sul e também de modos diversos nos países do mar da prata (Uruguai, Argentina e Paraguai).

As propostas das instalações científico-artesanais foram desenvolvidas durante dois dias, cinco delas no primeiro dia e quatro no segundo. Em *O lixo que vira luxo criativo! Tecer o local no atelier*, Eggert e Junqueira (2015) propuseram formas de leitura de mundo por meio da fotografia e de peças tecidas com base nas fotografias. Andréa Lencina Balbuena e Ernestina Martins da Silva (2015) trouxeram uma proposta de interação do público com tecnologias artesanais, utilizando a lã ovina. A instalação compunha-se de imagens e sons que explicavam os processos de beneficiamento artesanal da lã ovina, como produção, lavagem, cardação, fiação e tecelagem, e ferramentas tridimensionais que permitiam, a quem participasse, seu uso para a criação de uma peça.

Eliane Godinho (2015), estudante de mestrado e artesã, propôs um espaço no qual se pensassem as possibilidades de criação artesanal e acadêmica por meio da técnica do fuxico. Com essa proposta, a autora instigava quem participasse da instalação "a problematizar as relações que se estabelecem a partir da perspectiva do trabalho não formal da realidade da mulher, seu saber-fazer-poder como um processo ético-político e formador" (GODINHO, 2015, p. 1).

Refletir sobre o processo das intervenções de designers em comunidades artesanais foi a proposta de Fernanda Ferretti (2015) e Luciane Cândido (2015) em parceria com a artesã Karine Portela Soares. As autoras buscaram refletir em torno das "transformações ocorridas através da união entre designers e artesãos para a qualificação da produção artesanal, mostrando o impacto dessa interação não somente na produção, mas também na comunidade e na valorização dos indivíduos envolvidos" (FERRETTI, 2015, p. 1). Exposição de catálogos, elementos gráficos, fotografias e produtos artesanais fizeram parte do espaço dessa instalação. Docentes pesquisadores/as do Instituto Federal Sul Rio-Grandense (IFSUL) participaram com a proposta "'Mapa da Vida' e a (re)significação da vida e da docência", que contou com peças artesanais, fotografias e relatos produzidos por docentes e discentes do curso de artesanato do Programa Mulheres Mil/Pronatec.



**Figura 4** Abertura das instalações científico-artesanais. II Colóquio Mulheres, Feminismo, Artesanato e Arte Popular, 2015

**Crédito:** Iolita Marques.

A instalação propôs que o público refletisse sobre a experiência metodológica denominada "Mapa da Vida" e sua relação com os componentes curriculares e os aspectos de seu impacto na (re)significação da vida de docentes e discentes do Programa, (BRUN *et al.*, 2015).

Em "Olhar 'di' ver cidade: uma experiência interdisciplinar", instalação organizada por Monteiro, Lira e Maia (2015) com o propósito de "dialogar com o público sobre o processo de alfabetização cultural através do instrumento da Educação Patrimonial, proporcionando o (re)conhecimento, apropriação e a valorização da herança cultural existente no estado de Alagoas", o público interagiu com a produção artesanal de discentes mediados pelos docentes do Curso Técnico em Artesanato do Instituto Federal de Alagoas (Ifal). Outra instalação proposta por Becker *et al.* (2015) girou em torno da criação e do design dos produtos abordando a relação da formação de artesãs e a gestão de processos artesanais. Em "Marias Lavrandeiras: alinhavando cores e lutas" instalação proposta de Paula Grassi e Pâmela Grassi, participantes puderam experimentar a confecção de produtos utilizando técnicas artesanais como o estêncil, a costura, o alinhavo e a pintura. As autoras instigaram o diálogo com os princípios da economia popular solidária e feminista. E, por fim, nesse evento, ainda tivemos a instalação: "Tecendo Memórias – Bordado de Wandschoner", organizada por Brun (2015), que propôs um diálogo em torno do ofício do bordado e da metodologia de projetos de conhecimento de si com mulheres que bordam da cidade de Ivoti (RS).

Essas instalações contaram com a duração de duas horas e ocorreram concomitantemente no mesmo espaço físico. Ao final, em um grande círculo acolhendo o público participante e as proponentes das propostas das instalações, foi realizado um momento de debate em torno das experiências que as instalações proporcionaram.



**Figura 5** Debate sobre as instalações científico-artesanais. II Colóquio Mulheres, Feminismo, Artesanato e Arte Popular, 2015

**Crédito:** Thayane Cazallas.

Entendemos que esse conjunto de experiências contribui para a formação de uma nova esfera pública comprometida com a sistematização de saberes e conhecimentos de um modo mais coletivo.

Ainda em 2015, realizamos um Seminário Interinstitucional sobre o conceito de experiência. Reunimos três programas de pós-graduação em Educação e fizemos um encontro em cada sede. O primeiro foi realizado na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); o segundo foi realizado em São Leopoldo, na Unisinos; e o terceiro foi realizado em Porto Alegre, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O encontro realizado na Unisinos teve a dimensão da ICA, presente por meio de uma atividade que compreendia discutirmos o conceito de experiência enquanto fazíamos uma peça em argila.



**Figura 6** Seminário Interinstitucional sobre o Conceito de Experiência (Unisinos, 2015)

**Crédito:** Thayane Cazallas.

Pensar o trabalho como experiência formadora discutindo conceitos em Thompson e Joan Scott teve um gosto singular ao introduzirmos na ação de estudo o ato de produzirmos algo com as mãos.



**Figura 7** Seminário Interinstitucional sobre o Conceito de Experiência (Unisinos, 2015)

**Crédito:** Thayane Cazallas.

A sala foi disposta de tal forma que era possível termos duas movimentações de classes: uma no centro em forma de mesa geral para o trabalho com a argila, e outra ao redor dessa mesa com as mesas individuais, de tal forma que era possível a movimentação entre essas duas situações, a coletiva e a individual.

## ATAR NÓS PARA CONCLUIR PENSAMENTOS

As questões ligadas à socialização e publicização do conhecimento passaram a ser constantes entre nós, e hoje compreendemos que fazem parte de uma postura de eticidade e de compromisso com o rompimento das dualidades, em especial no que diz respeito entre conhecimento/saber acadêmico e não acadêmico.

Sandra Harding (1998) advoga que técnicas e métodos de pesquisa podem ser empregados de um "modo feminista". Para tanto, devem visar uma construção das relações mais próximas nas quais a subjetividade não represente qualquer impedimento para se pesquisar. Marcela Lagarde de los Ríos (2012) discute no conceito de *sonoridade* o resgate do sentido da amizade e da cumplicidade entre as mulheres, que também Margarita Pisano (2001) propõe de um modo mais radical. Ela sugere abandonar a atual cultura androcêntrica, misógina e patriarcal pela criação de novas bases a partir de uma proposta mais aberta, sem hierarquização e dominação. Mas também a metodologia da pesquisa participante visa, conforme Danilo Streck e Carlos Brandão (2006, p. 12), "a construção de experiências de criação coletiva de conhecimentos que buscam superar a oposição sujeito/objeto". A pesquisa participante (ou no uso do termo: participativa) acaba por carregar a denúncia da relação de neutralidade [sujeito: pesquisadora – objeto: pesquisada], assim também a pesquisa feminista que propõe que as metodologias construam a relação sujeito(a)-sujeito(a), e ainda com base nos preceitos da educação popular, com sua intencionalidade política transformadora, buscando uma educação onde a subjetividade também possa ter seu lugar.

Desse modo, aprender concretamente, como nos desafiam Dewey (2010) e Sennett (2009), e politicamente, por meio de movimentos como o feminismo e a educação popular, permite que façamos outros movimentos tanto em eventos científicos como na sala de aula. Essa mudança exige que construamos argumentos que nos sustentem, argumentos para outras teorizações, num outro modo de produzir conhecimento.

## Artesanal–scientific installation (ASI): the act of publicizing research in adult's education

**Abstract** – The article presents and discusses the concept of artisanal-scientific installation which arises from the work of a research group related to the theme of artisanal production and the educational process involved in that context. In other words, the work and formation inside and outside the school done by artisans. The arti-

cle is based on researches produced with artisan women. There are challenges for the current academic community and the necessity of reaching them out in a more inclusive, participative scientific work which detaches itself from the traditional know-how of science. Through feminist studies, popular education and (self)biographic research it is built a theoretical ground for this current concept. The experience of Installation in the Arts engages in dialogue with the Artisanal-Artistic Installation in the understanding of experiences done by researchers and artisans who integrate the research projects. In the light of concrete experiences, it was possible to understand the possibilities of another sphere of publicizing knowledge called academic and non-academic and that they could be debated collectively. It was observed a rich of possibility of interface between the artifacts of the academia and the artifacts handcraft, that is, a large portion of students of adult education.

**Keywords:** Handcraft. Artisanal-scientific installation. Feminism. Popular Education. (Self)biographic research.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, H. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

BECKER, H. A escola de Chicago. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, out. 1996. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-931319960002000008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-931319960002000008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jan. 2016.

BECKER, M. R. As mulheres e o artesanato e os desafios da profissionalização. In: SILVA, M. A. da. *Gênero e ciência: pesquisas com/sobre mulheres*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015. p. 263-286.

BECKER, M. R.; CASTRO, A. M. A.; EGGERT, E. "Instalações Científicas" como visibilizadoras do trabalho artesanal de mulheres: reflexões a partir da educação popular e do feminismo. In: LUFT, H. M.; FALKEMBACH, E. M.; CASAES, J. B. de. (Org.). *Freire na Agenda da Educação: conhecimento, diálogo, esperança*. Ijuí: Editora Unijuí, 2012. v. 1, p. 87-95.

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRUN, M. *Instalação científico-artesanal: tecendo memórias – Bordado de Wandschoner*. Resumo não publicado, apresentado no II Colóquio Mulheres Feminismo, Artesanato e Arte Popular, 2015.

CALDAS AULETE. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012. 1072 p.

CÂNDIDO, L. A. *Design estratégico e artesanato: estudo da organização histórias na garagem*. 2015. Dissertação (Mestrado em Design Estratégico)–Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

- DEWEY, J. *Arte como experiência*. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- EGGERT, E. (Org.). *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.
- EGGERT, E. (Org.). *Narrar processos educativos de artesãs no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Editora Edunisc, 2011. Disponível em: <[http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_editora\\_livro/1309440308.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_editora_livro/1309440308.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2016.
- EGGERT, E. *Estudos feministas, educação popular e (Auto)biografia – interpenetrações metodológicas*. Trabalho apresentado no Seminário de Pesquisa Participante. Colombia, junho de 2015.
- EGGERT, E. *Pesquisa em educação, movimentos sociais e colonialidade: continuando um debate*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 2016. No prelo.
- EGGERT, E.; JUNQUEIRA, V. *O lixo que vira luxo criativo! Tecer o local no atelier*. Trabalho apresentado no II Colóquio Mulheres, Feminismo, Artesanato e Arte Popular. Porto Alegre: Unisinos. 2015. Documento da Comissão Organizadora. Não publicado.
- FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 42-62.
- FERRETTI, F. S. *Design estratégico e comunidades artesanais: codesign para transformação social*. 2015. Dissertação (Mestrado em Design Estratégico)–Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.
- FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C. R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 34-41.
- GAJARDO, M. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 15-50.
- GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HARDING, S. Existe un método feminista. Tradução Gloria Elena Bernal. In: BARTRA, E. (Org.). *Debates en torno a una metodología feminista*. México: Universidad Autónoma Metropolitana-Unidad Xochimilco, 1998. Disponível em: <[http://bidi.xoc.uam.mx/tabla\\_contenido\\_libro.php?id\\_libro=81](http://bidi.xoc.uam.mx/tabla_contenido_libro.php?id_libro=81)> Acesso em: 6 jan. 2016.
- JOSSO, M.-C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- JOSSO, M.-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Revista Educação*, Porto Alegre, ano XXX, v. 63, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007.

JUNQUEIRA, F. O conceito de instalação. *Revista Gávea*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 14, p. 551-569, 1996. Disponível: <<http://escultura2.com/wp-content/uploads/2015/03/Fernanda-Junqueira-Sobre-o-conceito-de-instala%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 6 jan. 2016.

LAGARDE DE LOS RÍOS, M. *El feminismo en mi vida: hitos, claves, y topías*. 2012. Livro eletrônico. Disponível em <[www.inmujeres.df.gob.mx](http://www.inmujeres.df.gob.mx)>. Acesso em: 18 maio 2016.

PISANO, M. *El triunfo de la masculinidad*. 2001. Disponível em: <<http://webs.uvigo.es/pmayo-bre/pdf/pisano.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

SENNETT, R. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, L. B.; PECCININI, D. *Instalação*. 2015. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculox/modulo5/instalacao.html>> Acesso em: 6 jan. 2016.

SOUZA, E. C. de. Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação. In: PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. de. (Org.). *(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 85-101.

STRECK, D. R.; BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante e a partilha do saber: uma introdução. In.: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Org.). *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

Recebido em janeiro de 2016.  
Aprovado em fevereiro de 2016.